

Furtado quer Brasil como líder contra juros altos

O economista Celso Furtado, Ministro do Planejamento no governo João Goulart, propõe em novo livro, a ser lançado quinta-feira no Rio, que o Brasil tome a iniciativa e lidere um movimento para que os países devedores e os grandes bancos internacionais cheguem a um acordo para limitar as taxas de juros no mercado mundial.



CELSE FURTADO

— O Brasil tem autoridade para liderar este movimento, pois tem uma grande dívida e um grande mercado, além de tradição de equilíbrio na política externa. O objetivo deste movimento seria fixar um limite máximo para as taxas de juros reais. A partir deste limite, as dívidas dos países seriam automaticamente postergadas, para evitar o que acontece hoje: endividamento crescente apenas para pagar os juros em determinado ano — afirma Celso Furtado.

Em seu novo livro “A nova dependência: Dívida externa e monetarismo”, o economista explica que não é a favor da renegociação pura e simples da dívida externa brasileira, “pois isto seria apenas transferir para o ano seguinte o problema do pagamento”.

— Já existe um mercado natural de renegociação da dívida, o mercado de roll-over, como chamam na Europa. O Brasil já vem fazendo isto normalmente, só que em condições cada vez mais desvantajosas para o País. Cada dia pagamos **spreads** (taxa de risco) mais altos. Os banqueiros têm interesse em dar crédito para manter aberto o mercado brasileiro. Mas na medida que o País suspendeu suas importações, este mercado deixa de existir e não há mais interesse em dar crédito.

ESPERAR O MÁXIMO

Celso Furtado explica que hoje todos querem encontrar uma solução para a complexa situação internacional:

— Os próprios banqueiros gostariam de uma renegociação, desde que recebessem o apoio dos bancos centrais dos países ricos. Isto porque nenhum banco comercial privado dispõe de recursos para enfrentar uma situação tão grave. Qualquer negociação que venha a ocorrer neste sentido terá de ter apoio dos governos.

O economista acha viável que o Brasil lidere um movimento internacional para negociar inicialmente com o Clube de Paris, que reúne os credores oficiais (Banco Mundial, bancos estatais, empréstimos com garantia de governo etc). “Os empréstimos de credores oficiais representam 10 por cento da dívida. A renegociação desse valor representaria já um alívio para o Brasil”, diz Furtado.

O ex-ministro lembra que em 1961 o Brasil negociou através de Roberto Campos, com o Clube de Paris e obteve pleno êxito:

— Na época, o Roberto Campos disse-me que não pensava que seria tão fácil a renegociação. E que o mercado internacional via com bons olhos o fato de Jânio Quadros ter assumido a Presidência da República.

Celso Furtado diz em seu novo livro que, além da ação internacional, é preciso que o Governo recupere o controle da economia.

— O Brasil não tem hoje uma política global, de longo prazo. Não se pode desmontar o parque industrial brasileiro. E não há economia que funcione com o nível atual das taxas de juros. No comércio exterior, as medidas estão sendo tomadas de forma desordenada. No câmbio, as autoridades não podem mexer porque as empresas que se endividaram em moeda estrangeira quebrariam. O Banco Central deve tomar a responsabilidade desses empréstimos e ajustar a taxa de câmbio, pois hoje o cruzeiro está supervalorizado, prejudicando as exportações.

— Todas as medidas adotadas só causam recessão. Nenhum país resolveu até agora seu problema de balanço de pagamentos através da recessão.

O livro de Celso Furtado será lançado quinta-feira na livraria Argumento.